



A RELAÇÃO ENTRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS EDUCATIVOS E AS QUESTÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL – MARCAS DE UM PRINCÍPIO ÉTICO E ESTÉTICO

Andréia Haudt da Silva¹
Maristani Polidori Zamperetti²

Resumo

Os espaços educativos podem se constituir como potencializadores de discursos, pois demonstram a perpetuação ou não de concepções. É necessário que o professor observe as práticas que promove de disponibilização de espaços, pois elas refletem inclusive padrões que determinam o que é ser menino e menina, do que as crianças devem gostar ou não. Nisso, inscreve-se a perpetuação de uma sociedade desigual, que atribui papéis de acordo com o sexo das crianças e não com sua identificação de gênero. É necessário atentar-se a práticas que comumente reforçam antagonismos entre os sexos e privam as crianças de experiências estéticas que lhes possibilitem ser o que quiserem, pois atuantes no mundo criam formas de ver e perceber a realidade, de instaurar novas formas de agir sobre ela.

Palavras-chave: Espaços educativos. Educação infantil. Gênero.

Sobre o que dizem os espaços educativos

Os espaços educativos costumam refletir discursos ideológicos, a reprodução de padrões aceitos socialmente, sendo assim, é possível afirmar que não passamos nestes espaços sem que eles nos digam nada, sem que eles nos toquem, pois nos permitem relações conscientes ou não atravessadas pelos nossos sentidos. O cheiro que possuem, a cor dos ambientes, a iluminação, a ventilação, o que o compõe, são vestígios que estes espaços deixam em nós.


Conforme Horn (2004), a organização dos ambientes nas escolas de educação infantil representa uma parte importante da proposta pedagógica das escolas de educação infantil, traduz a concepção de criança, de educação, de ensino, de aprendizagem, a visão de mundo e de ser humano que o educador possui.

Nesta etapa da educação básica, o professor se inscreve como o profissional responsável por cuidar e educar as crianças pequenas, de 0 a 5 anos, juntamente com os demais profissionais da instituição de educação infantil, ele possui a responsabilidade de

¹ Mestranda em Educação, UFPel, hs.andreia@gmail.com

² Doutora em Educação, UFPel, maristaniz@hotmail.com





garantir o desenvolvimento da criança em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. Portanto, não é incomum percebê-lo reproduzindo alguns discursos na organização dos espaços em sala de aula, por exemplo: o canto dos meninos e o canto das meninas refletem a crença social de algumas pessoas que insistem em determinar que bonecas, por exemplo, são brinquedos de meninas e carrinhos brinquedos de meninos.

Estes discursos se tornam repetitivos longe de um exercício de criticidade, longe de uma prática que busque observar o que as crianças demonstram em sua interação com o mundo, do que se aproximam, do que gostam.

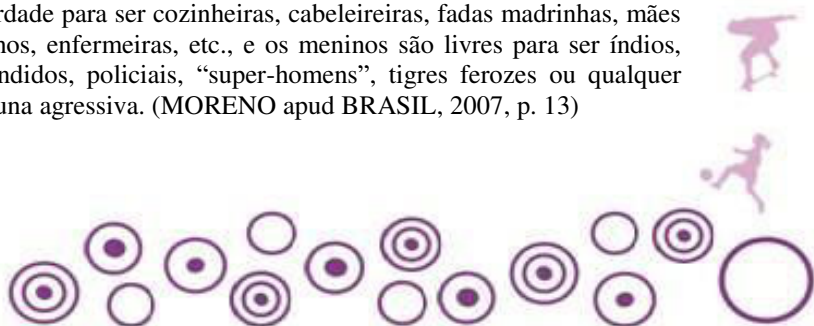
Imaginemos uma sala decorada nas cores rosa e azul, sendo que na parte rosa estão os nomes das meninas e na parte azul os nomes dos meninos. Simples decoração? Não. Há um discurso sendo informado por essa “ornamentação” da sala, que revela questões de gênero, dentro das quais as cores têm sexo. Quem disse que azul é de menino e rosa é de menina? (OSTETTO, 2017, p. 59)


Se a mesma decoração utilizasse azul para meninas e rosa para meninos é possível que teríamos possíveis comentários das crianças: “Professora, tá errado, azul é de menino, rosa é de menina”. Com isso, percebemos que o imaginário e as representações da professora, em comum acordo ou não com o que está posto num determinado meio social, suscitam problematizações ou conformismos.

Segundo Ostetto (2017) “até o espaço físico informa a perspectiva estética: suas paredes falam – às vezes denunciam... o descaso, a mesmice, o consumismo” (p. 59). A autora destaca que a decoração não consiste em simples enfeites de parede, ela direciona sentidos, mobiliza discursos e constitui-se como um elemento de educação estética. Portanto, não seria equívoco afirmar que dialogar com o inconsciente coletivo, com as crenças, os valores que possuem, implica uma atitude ética e estética, e não seria exagero dizer democrática.

Para Meira e Pillotto “se faz educação com afeto, ética e estética, articuladas as diversas áreas do conhecimento e as múltiplas possibilidades de perceber e de sentir o contexto no qual estamos inseridos como protagonistas na construção de muitas histórias” (p. 23). Faz-se então necessário não reproduzir padrões de conduta discriminatória entre meninos e meninas, as potencialidades de protagonismo destas crianças precisam ser respeitadas levando em conta suas individualidades, suas características. Não raro, meninos e meninas já chegam com “liberdades” que nada mais são que marcas de uma conduta discriminatória.

As meninas têm liberdade para ser cozinheiras, cabeleireiras, fadas madrinhas, mães que limpam seus filhos, enfermeiras, etc., e os meninos são livres para ser índios, ladrões de gado, bandidos, policiais, “super-homens”, tigres ferozes ou qualquer outro elemento da fauna agressiva. (MORENO apud BRASIL, 2007, p. 13)





Para Montserrat Moreno (1999), permitir a superação das discriminações de gênero não consiste em tratar igualmente meninos e meninas em suas relações com o mundo permitindo que sejam o que quiserem, pois eles já chegam na escola reproduzindo conceitos e modelos de seu meio. Se existe um modelo ao qual temos contato, temos duas possibilidades: recusá-lo ou aceitá-lo, para a autora, quanto maior o número de modelos, maior o grau de liberdade.

Assim, é urgente pensar sobre as formas de atuação docente e a relação com as crianças, conforme sugere Dinis:

[Um] novo exercício pedagógico é um convite a reinventarmos nossas relações com os outros e com nós mesmos, nos desprendermos de nós mesmos, liberar a vida aí onde ela está aprisionada, devir-outro, tornarmos outra coisa. A produção permanente de formas subjetivas que desconstruam as estruturas binárias e excludentes do tipo adulto-criança, homem-mulher, heterossexual-homossexual, outro-eu mesmo. Uma resistência à tentativa de capturar as diferenças como signo de uma identidade, já que a essência da alteridade é justamente um *tornar-se*. (DINIS, 2008, p. 489)


A escola pode analisar com alunas e alunos os papéis que a sociedade atribui a cada sexo, seja através da promoção de diálogos, discursos que ampliem possibilidades de percepção do mundo, imagens visuais, construção de espaços democráticos na sala de aula, que não segreguem as crianças pelo fato de serem meninos ou meninas.

É necessário considerar o que diz Paulo Freire (2007): “ensinar exige estética e ética” e que “[a] necessária promoção da ingenuidade à criticidade não pode ou não deve ser feita a distância de uma rigorosa formação ética ao lado sempre da estética” (p. 32). Desta forma, ele nos lembra que “Só somos porque estamos sendo. Estar sendo é condição, entre nós, para ser.” (p. 33) Isto implica uma atitude ética para com nós mesmos e com nossos educandos, a compreensão do gênero enquanto categoria social e a apropriação de discursos e imagens que consideram que somos nós os agentes formadores da sociedade.

A sensibilidade, a ternura, a atenção às relações interpessoais não têm por que ser patrimônio exclusivamente feminino. Também os meninos e os adolescentes têm direito a expressar seus sentimentos, a não ter de reprimi-los continuamente para que não se ponha em dúvida sua virilidade. À medida que o leque possível de condutas aumenta, a personalidade de cada um se enriquece com novas contribuições, e se aprenderá com isso que há muitas formas de ser mulher, assim como há muitas formas de ser homem. (MORENO, Montserrat apud BRASIL, 2007, p. 15)

Diante destes levantamentos podemos perceber que as atitudes que marcam o presente e o futuro das crianças são influenciadas pelo gênero e não é possível desassociar gênero da capacidade sensível, de relação pessoal com o mundo. Para Duarte Jr. “[...] nosso encontro corporal, sensível com o mundo, é também estético” (2012, p. 363). É possível com isso, inferir que a entrega em perceber as coisas do mundo por meio dos sentidos não decorre de





marcas de segregação sexistas, é uma marca da humanidade, do fato de sermos todos humanos e sensíveis.

Proporcionar compreensões dos espaços da sala que ocupam os meninos e as meninas, promovendo a todos as mesmas possibilidades de uso do espaço e de brinquedos, e um ambiente seguro onde possam se sentir confortáveis para exercerem os papéis que quiserem, é papel do professor.

A organização dos espaços com base no sexo das crianças limita o potencial sensível destas crianças, a potencialidade de explorarem a coragem, a fragilidade, a alegria. Uma menina ao vestir uma fantasia de super-herói está vivenciando um mundo de possibilidades talvez impossíveis na vida real, mas que lhe permitem estimular enfrentamentos, coragem, força, sentimentos e atitudes importantes de serem desenvolvidos em qualquer criança. Da mesma forma, o menino ao explorar a casinha na sala de aula, ao fazer comidinha, cuidar da boneca, vive a sutileza necessária no trato, aprimora a afetividade, que é habilidade indispensável a meninos e meninas.


Estes apontamentos preparam meu olhar e a crítica para as práticas na educação infantil, no que se refere a analisar e problematizar a prática docente dos professores de educação infantil do município de Pelotas, RS, Brasil³ no que se referem às experiências estéticas, me auxiliando na busca por compreender que espaços e tempos são promovidos pelos professores de educação infantil para favorecer a ocorrência de experiências estéticas no cotidiano das crianças.

As experiências estéticas perpassam toda esta gama sensível e natural, não se referem unicamente ao que é belo, mas a tudo aquilo que perpassa os sentidos, que constituem em admiração, encantamento, estranhamento, portanto, buscar práticas para a promoção destas experiências consiste em um trabalho também ético e democrático a medida que compreendemos ser necessário a todos, independente de idade, sexo, cor e classe social.

Atentar-se a práticas que comumente reforçam antagonismos entre os sexos e privam as crianças de experiências estéticas é necessário a uma prática docente pautada no exercício do bem comum, no exercício da cidadania e da democracia. Difundir práticas e discursos corriqueiros, espaços segregados, faz sobressair a manutenção de velhos modos de ver a sociedade, faz predominar papéis de homens e mulheres metodicamente separados e definidos, portanto, o professor em sua escola, desde a escolha da utilização do espaço, ao que vai nas paredes, ao que disponibiliza como “cantinhos”, deve preocupar-se com o diálogo

³ Pesquisa desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas - UFPel (2017-2019), a nível de Mestrado, orientada pela Profa. Dra. Maristani Polidori Zamperetti.





com seus próprios modos de ver o mundo, se são reproduções desprovidas de criticidade, se são ações que analisam as realidades e as confrontam na busca pela igualdade e fidedignidade ao que é percebido e sentido pelas crianças.

Há uma relação muito próxima entre a organização dos espaços educativos e as questões de gênero na educação infantil que precisam ser discutidas, pois refletem marcas de um princípio que é ético e também estético.

Referências

BRASIL. **Relações étnico-raciais e de gênero**. Módulo 2 – Convivência Democrática. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2009-pdf/2177-2-convivencia-democratica-relacoes-pdf/file>> Acesso em: 24 mai. 2018.

DINIS, Nilson Fernandes. Educação, Relações de Gênero e Diversidade Sexual. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 29, n. 103, p. 477-492, maio/ago. 2008. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/873/87314210009/> Acesso em: 20 mai. 2018.

DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. Entrevista. **Revista Contrapontos** - Eletrônica, Vol. 12 - n. 3 - p. 362-367 / set-dez 2012 Disponível em: <<https://www6.univali.br/seer/index.php/rc/article/viewFile/4039/2387>>. Acesso em: 26 fev. 2018.

HORN, M. G. S. **Sabores, cores, sons, aromas. A organização dos espaços na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007, 148 p.

MORENO, Montserrat. **Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola**. São Paulo: Moderna; Campinas: UNICAMP, 1999.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Sobre a organização curricular na Educação Infantil: conversas com as professoras a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais. **Revista Zero-a-seis**. v. 19, n. 35 p. 46-68 | jan-jun 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/1980-4512.2017v19n35p46/34163>> Acesso em 11 mai. 2018.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

